

# O Brasil e as novas diretrizes da política economica internacional

ERICO R. NOBRE

Açssistente da 7 a Cadeira, da E. S. A.

"Luz de Queiroz"

Já é familiar ao conhecimento dos estudiosos dos problemas economicos do nosso país a promissora perspectiva de sucesso que vêm apresentando, para o consumo nos mercados externos, vários artigos nacionais, que, assim, ao lado do café passam a completar o diminuto quadro da nossa exportação.

Na verdade, torna-se sobremodo animador o fáto de, a despeito da formidável depressão no montante do comércio internacional, podermos verificar um aumento real de nossas vendas, tanto em volume, como em valor, em moeda nacional, de vários outros produtos, além do café, tais como algodão, frutas, cacau, etc. A este respeito, os mais recentes dados estatísticos fortalecem as nossas esperanças de vermos afinal um equilibrio mais harmonico e consentaneo aos imperativos interesses e necessidades do nosso comércio externo. Eis aqui alguns deles, referentes ao sextenio 1930 1935, que nos proporcionam a percentagem do valor do café e de alguns outros produtos, na soma total das exportações brasileiras :

Anos	Café	Outros produtos
1930	62,86 %/o	37,14 %/o
1931	69,07 %/o	30,93 %/o
1932	71,90 %/o	28,10 %/o
1933	72,79 %/o	27,21 %/o
1934	61,13 %/o	38,87 %/o
1935	52,55 %/o	47,45 %/o

E' bem verdade que os algarismos acima procedem em grande parte, especialmente para o café, de uma situação anormal, precária, incerta, a que este producto se vê submettido, desde a famigerada eclosão da crise econômica mundial, na-quele memoravel *crack* financeiro da bolsa de New-York, de tão ruinosas consequencias para a relativa estabilidade de que vinham gozando as relações mercantis do mundo civilizado, após a conflagração européa. Outrosim, é de supor-se que, si outra tivesse sido inicialmente a nossa orientação no que se refere aos velhos problemas econômicos da lavoura cafeeira, procurando furta-la aos azares de uma valorização artificial e aos perigos de uma política retencionista, o café continuaria ocupando ainda a situação privilegiada de sempre, na balança de exportação nacional. Isto porque, ao lado das esplêndidas condições naturais que o solo brasileiro continúa oferecendo á cultura intensiva dessa planta, a sua produção altamente remuneradora acentuaria mais ainda aquela vultuosa inversão de capitais e de forças de trabalho que se vinha verificando até 1929, ano em que irrompeu a atual crise cafeeira. Sem recorrer-se ao artifício das valorizações oficiais, certamente que se haveria criado aqui condições mais seguras para a prosperidade desse produto e o ritmo ascendente desta iria processando-se de forma racional, em estreita obediencia aos ensinamentos de severas leis econômicas. Como tal não sucedeu vieram os desastrosos efeitos de nossa política, para os quais não logramos ainda uma eficiente solução, dada a coincidência da estabilidade do consumo mundial de café com permanência da depressão no volume das trocas internacionais. Si antes houvessemos acatado os ensinamentos que a Economia fornece acerca dos complexos fenômenos da produção e do consumo dos bens, seria tranquilo o futuro do produto básico da nossa vida econômica, o qual continuaria, no perímetro de uma atividade dirigente superiormente articulada, a nos fornecer os recursos indispensaveis para a obra inadiavel de valorização econômica dos imensos recursos naturais do Brasil e consequente expansão do nosso comércio externo. Oxalá a experiencia dos amargos dias de hoje nos sirva de lição acordando-nos para a realidade dos

nossos deveres de povo que tem uma missão histórica a cumprir no berço esplêndido do continente americano.

De outra parte, ainda acerca dos dados estatísticos atrás mencionados, desprende-se que os demais produtos que compoem a nossa balança de exportação representaram, no ano passado, 47,45 % do valor total dos nossos envíos para os mercados externos de consumo. São de fáto magníficos os resultados desse formidável esforço que vem operando o produtor brasileiro, no sentido de, acudindo ao desfalque sofrido pela balança econômica nacional devido á desvalorização do café, dar maiores e mais sólidos pontos de apóio para a nossa exportação, por meio de uma real diversificação na lista dos produtos que oferecemos ao consumidor europeu, norte-americano e asiático.

A diminuição sucessiva dos saldos da balança comercial brasileira e os graves compromissos externos a que temos de atender, de acôrdo com as recentes disposições que aceitámos para prover o serviço de juros e amortização da nossa dívida externa, continúam entretanto exigindo a continuidade desses brilhantes esforços do produtor nacional. E' preciso que os resultados a que ora chegámos se acentuem no futuro e não deixem suspeitar que se desvanecerão logo que o café volte a ter a maior procura e maior valor nos mercados consumidores do globo.

Já por repetidas vezes o Brasil tem suportado graves condições na estrutura e no ritmo da sua economia, devido á monocultura, tanto na cana de açúcar como do café. E' tempo, portanto, de se compreender que a estabilidade da nossa vida econômica e financeira só será uma realidade efetiva quando puzermos em prática as duras lições da experiencia. Felizmente, esboça-se de algum tempo para cá, da parte da classe dirigente do país e de algumas unidades mais progressistas da Federação, um movimento de estímulo e proteção á policultura. Os governos, através de suas respectivas repartições técnicas, vêm fazendo larga propaganda em torno do estabelecimento de novas culturas, que aqui encontram excepcionais condições de prosperidade e que poderão trazer a fartura para a familia nacional. E o resultado desta sua inteligente atuação se concreti-

za na realidade dos dados que já tivemos o ensejo de analisar linhas atrás.

Entretanto, cabenos-nos dizer aqui que não devemos ser precipitados no otimismo com que constatamos todas essas cousas. Sim, porque si, na verdade, durante o ultimo sextenio de 1930-1935, é crescente a diminuição das vendas do café brasileiro aos mercados de consumo externos, e que este fáto se vem acentuando cada vez mais a partir de 1933, ao passo que se pode, felizmente, verificar uma melhoria nos fornecimentos dos demais produtos de exportação, dito fenomeno dimana, não tanto da solidêz da nossa técnica de produção agrícola, que pode ser posta em duvida, mas, sim, além das circumstancias já mencionadas no aviltamento de preços do nosso café, que vem sofrendo uma temerosa concorrência por parte dos cafés da Colombia, da Venezuela e da America Central, sobretudo, tambem de fatos exteriores ao controle das nossas previsões. Referimo-nos á recente politica economica do equilibrio dos "stocks" que se vem pondo em pratica em toda a parte do mundo, inclusive aqui no Brasil a respeito do café.

Recorramos, ainda desta vez, ao manuseio dos algrismos das estatisticas oficiais. A contribuição do café para o volume das exportações do Brasil, por tonelada métrica, foi a seguinte:

Anos	Café
1931	1.071.052
1932	716.114
1933	937.558
1934	848.812
1935	919.764

Para os demais produtos que integram o quadro da nossa exportação, a quota parte, ainda por tonelada métrica, foi a que se segue:

Anos	Outros produtos
1931	1.165.010
1932	916.151
1933	983.214
1934	1.345.970
1935	1.841.998

Levando-se agora em apreço os valores em contos de réis-papel e os valores em libras-ouro, a situação ainda é a mesma para o café e os demais produtos, por tonelada métrica :

1) - Exportação de café.

a) Em contos de réis-papel :

Anos	
1931	2.347.079:000\$
1932	1.823.948:000\$
1933	2.052.858:000\$
1934	2.114.512:000\$
1935	2.156.091:000\$

b) Em libras ouro :

Anos	
1931	£34.104.000
1932	£26.238.000
1933	£26.168.000
1934	£21.541.000
1935	£17.374.000

2) - Exportação de outros produtos.

a) Em contos de réis papel :

Anos	
1931	1.051.085:000\$
1932	712.817:000\$
1933	767.413:000\$
1934	1.344.494:000\$
1935	1.947.317:000\$

b) - libras-ouro :

Anos	
1931	£ 15.440.000
1932	£ 10.391.000
1933	£ 9.622.000
1934	£ 13.699.000
1935	£ 15.638.000

Não ha duvida, por conseguinte, que os outros produtos da actividade nacional estão aumentando a cifra de sua exportação.

Entretanto, como já dissemos, forçosa se torna a nossa moderação no entusiasmo com que devemos apreciar tudo isto, dada sobretudo a evidencia notoria do artificialismo nefasto com que todas as nações do mundo civilizado, acossadas em todos os seus flancos por problemas economicos e sociais complexissimos, estão procurando por todos os meios defender a existencia da sua produção interna. Assim, ora é a nova politica economica do "equilibrio estatístico da produção", que viza, restringindo a oferta dos diversos bens, tanto nos mercados externos como internos (haja vista, por exemplo, ao nosso caso da restrição absurda da produção do açúcar nacional, em manifesto prejuizo do consumidor brasileiro e em beneficio de meia duzia de felizardos que dominam o mercado interno), manter a um certo nivel, julgado indispensavel ás atividades do productor, o preço dos aludidos bens. Ora, ainda, em singular especialização da autarquia economica, a "autarquia alimentar" revelada particularmente na Europa de após-guerra e que tantos sobresaltos vem causando aos paizes exportadores de cereais, de trigo sobretudo, como a Argentina, o Canadá e a Austrália.

Com a autarquia alimentar, procura aquele continente destruir a proverbial dependencia que se encontra do supriemento regular desses generos alimenticios, isto porque, com a conflagração de 1914-1918. aquela harmonía que até então se constatará no mecanismo do mercado internacional e que permitia ao mesmo tempo uma quasi perfeita divisão do trabalho entre as diversas regiões do globo, ficou violentamente destruída. Até ás vesperras da grande guerra, havia, nas trocas de riquezas efetuadas com ritmo regular entre as diversas nações, um mutuo auxilio economico, determinado sobretudo pela força das cousas, pela diversidade de aptidões e pelo desenvolvimento proprio das diversas economias nacionais, o que ocasionava uma estreita interdependencia entre elas. Celebrado, porém, o armistício de 11 de novembro de 1918, verificou se uma profunda alteração nessa situação, porque as colonias e os países semi-coloniaes alteraram sobremodo a feição de sua estrutura

economica, no sentido de uma acelerada industrialização, fenomeno a que não escapou, como se sabe, o nosso proprio país. Dáí o incalculavel prejuizo que essa mutação acarretou para os interesses vitais do Velho Continente. Este perdera o terreno que fôra conquistado á custa de tantos esforços. Quer no terreno economico, quer no terreno politico, o seu prestigio ficou seriamente comprometido pela expansão ciclópica dos Estados Unidos e pelo despertar de outras nações americanas e asiaticas. Por conseguinte, não lhe sendo mais possivel tomar pé em mercados que poucos anos antes eram tributarios incondicionais da sua pujante industria, escassearam imediatamente os recursos com que pudesse adquirir os generos de primeira necessidade, como, para o caso aqui, o trigo. Viu-se, assim, na contingencia de auto abastecer-se tanto quanto lh'o permitissem suas terras depauperadas e exaustas, embora á custa de um rebaixamento do *standard* de vida das suas populações.

Com o equilibrio estatistico da produção, as diversas nações estão adotando processos singulares paradoxais. A imprensa sempre os divulga, para melhor esteriotipar a ironia de uma época de contrasensos e loucuras. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1933, foram mortos e incinerados 5.200.000 porcos. Ainda naquele país, o programa do plantio do trigo exigiu a destruição de 2.000.000 de toneladas desse cereal. Na cidade de Los Angeles, duzentos mil litros de leite foram lançados todos os meses aos esgotos. O programma de redução de 15 % da produção de leite e manteiga tornou indispensavel o sacrificio de 600 000 vacas. Em agosto de 1933, na California foram destruidas completamente 1.500.000 caixas de laranjas. No Oregon, a metade da colheita de pêras do vale de la Roquette foi lançada aos porcos. Os carneiros foram abatidos ás centenas de milhares e abandonados aos corvos. Por toda a parte, nas Indias, em Ceilão, nas Indias Neerlandêsas, na Argentina, no Brasil, etc, adotou-se tão estranha e inconsequente politica economica.

Eis porque, ainda o repetimos, ao estudarem-se os fenomenos da economia brasileira, deve-se assumir toda a prudencia indispensavel quanto aos vaticinios otimistas que se possam formular acerca do nosso futuro. E' imperioso que se atenda

ao presente estado de inegavel transição para os difíceis problemas que o mundo de após-guerra está apresentando. Estamos ás vésperas de uma nova época, cujos contornos, infelizmente, ainda não podem ser divizados com segurança e nitidês.

Vejamos, por exemplo, embora de relance, o caso do algodão brasileiro cuja cultura e altos preços que vem alcançando ultimamente estão entusiasmando sobremodo os agricultores nacionais. Si, de uma parte, os governos federal e estaduais interessados têm dispensado a esse produto toda assistência indispensavel, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista do crédito, como sucede aqui em São Paulo, e os resultados obtidos são, assim, francamente animadores, estes procedem tambem, indiretamente, da politica de restrição das áreas de plantação algodoeira, imposta aos lavradores americanos pelo governo dos Estados Unidos, com o fim de melhorar o nivel do preço interno desse produto, beneficiando dessa forma o agricultor daquele país. Ademais, forçoso é que se atenda tambem á circumstancia excepcional do extremo aviltamento da nossa moeda, que faz com que se dirija para aqui a procura desse artigo por parte dos grandes centros manufatureiros da Europa e do Japão. Por esses dois motivos, aliados é bem verdade ás excellentes qualidades do produto nacional, que agora correspondem ás exigencias dos mercados consumidores, estamos colhendo largos beneficios com a cultura do algodão. Mas, ninguem pode absolutamente afirmar, com plena segurança, que esta situação, de que desfruta atualmente o algodão brasileiro, continuará afirmando-se futuramente, logo que aqueles dois motivos apontados acima cessem de agir em nosso proveito, sobretudo o primeiro. Para que não venhamos a perder o terreno conquistado com tanto trabalho e com tão imensos sacrificios, a condição precipua é o aparelhamento do país, pela organização inteligente da produção desse artigo, provendo-a de todos os elementos auxiliares necessarios, além de se cogitar das possibilidades de venda para os seus produtos semi-elaborados e totalmente manufaturados, o que, para isto, os mercados sul-americanos poderão amanhã ser grandes clientes. Ha, por conseguinte, a premente necessidade de se conjugar, ás excellentes condições climatologicas e fisiograficas

que o Brasil detem nos limites do seu imenso territorio, a colaboração estimulante das circunstancias técnicas de capital e trabalho. E' de justiça dizer-se que muito já temos feito nesse sentido e si mais ainda não o fizemos é porque nos faltam mais amplos recursos financeiros.

Citou-se aqui, para exemplo, o problema do algodão, afim de melhor focalizar-se o nosso ponto de vista, sem, contudo, desconhecer-se que a realidade é muito mais delicada, especialmente para o Brasil, país vastíssimo, novo ainda, onde aos poucos e a passos claudicantes vem estruturando-se uma economia caracteristicamente nacional. Na verdade, ante um mundo em vias de viscerais transformações, trabalhado violentamente pelos fermentos de paixões e apetites descontrolados, submetido ao ritmo perigoso de ideologías politicas e economicas antagonicas, jungido ao patibulo opressor de diferentes formas de economia dirigida que vêm negar inteiramente o jogo livre de eis economicas infalíveis, não é tarefa facil escolher-se a rota mais segura para os destinos do nosso país.

Aceitando-se, como o fazemos, o criterio do Professor Wagemann, da Universidade de Berlim, de agrupar as diferentes zonas economicas do globo de acôrdo com a proporção em que aparecem unidos os factores de produção de que dispõe uma economia nacional, verifica-se que o Brasil está incluído na chamada *zona neocapitalista*. De conformidade com a idéa adotada pelo Prof. Wagemann, as zonas economicas podem agrupar-se da seguinte maneira :

- a) — Zonas economicas não capitalistas (acapitalistas)
- b) — Zonas economicas neocapitalistas
- c) — Zonas economicas semicapitalistas
- d) — Zonas economicas supercapitalistas.

O que especifica essas quatro zonas são os seguintes caracteres: A zona acapitalista apresenta uma falta absoluta, ou pelo menos virtual, de disponibilidades de capital em seu territorio. Para as zonas neocapitalistas ha pouco capital e escassa mão de obra. A zona semicapitalista dispõe, por unidade de superficie, de pouco capital e de muita mão de obra.

E a zona supercapitalista se caracteriza por corresponder, por unidade de superfície, muito capital e abundante mão de obra (1).

O Prof. Wagemann empresta particular apreço, na individualização dessas quatro zonas económicas, ao que chama de "grau de intensidade na economia nacional", que para ele significa o seguinte: — o acúmulo de energias mercantis e produtivas de que dispõe uma zona económica por unidade de superfície e por habitante. Esse grau de intensidade, que é muito variável, pode combinar-se com uma determinada forma de organização económico-nacional e costuma exprimir-se pelas disponibilidades do solo em matéria de energias humanas e capital real (2), assim como pela evolução da divisão do trabalho e da técnica da produção, pela amplitude dos mercados locais e externos, etc.

Entretanto, a densidade de população não constitui, realmente, uma expressão imediata desse grau de intensidade, embora dê uma ideia a respeito da quantidade de trabalho invertido, não por habitante, mas por unidade de superfície. O emprego de máquinas, a densidade da rede de comunicações, etc., são índices que refletem a intensidade de capital. Para Wagemann, "a expressão mais precisa do grau de intensidade seria o rendimento produtivo por unidade de superfície e por habitante", o qual, como não deixa de reconhecer, nem sempre pode ser perceptível á estatística.

Além disso, como ainda acentúa aquele economista, o grau de intensidade de trabalho e de capital de uma economia nacional se encontra intimamente ligado á proporção em que estão misturados os fatores da produção. Sob este aspecto, podem verificar-se as seguintes combinações:

- a) — Economia de trabalho extensivo e capital extensivo.
- b) — Economia de trabalho extensivo e capital intensivo.
- c) — Economia de trabalho intensivo e capital extensivo.
- d) — Economia de trabalho intensivo e capital intensivo.

(1) Ernest Wagemann, "Estructura y Ritmo de la Economía Mundial", edição hespanhola.

(2) O que forma o capital real de uma economia é a massa de conjunto do capital fixo e do capital real movel, isto é, exceção feita do solo, a massa dos bens materiais do processo de produção.

Os tipos *a* e *b* correspondem á zona neocapitalista, o tipo *c* á zona semicapitalista e o tipo *d* ao supercapitalismo.

Como já fizemos notar, o Brasil acha-se incluído na zona neocapitalista e, por conseguinte, ainda não conta com o auxílio de abundante mão de obra instruída e especializada e carece de copiosos capitais para suprir o inadiável equipamento da sua produção. Além disso, vê a sua exacerbada ânsia de progresso contrariada pela realidade de uma situação internacional gravíssima, onde se acham mobilizados os mais desenfreados e nocivos nacionalismos economicos.

Outrora, além do recurso em ouro com que se contava, proveniente dos saldos da nossa balança comercial, ainda podia recorrer-se ao crédito externo. Hoje, porém, esta ultima alternativa não entra mais, pelo menos por enquanto, em nossas cogitações. Restam-nos tão somente os míseros e irrisórios recursos que nos proporcionam os saldos da balança comercial, insuficientes, aliás, para as nossas necessidades atinentes ao serviço da divida externa e ás remessas de dividendos dos capitais estrangeiros aqui incorporados a sociedades, companhias, industrias, etc., que tanto têm cooperado na obra do nosso progresso material. O nosso crédito desapareceu de todos os centros financeiros do mundo e o nosso cambio, reflexo de uma situação financeira incerta e frágil, atingiu a nveis tão vis como jamais aconteceu em outras épocas de dificuldade nacional. Permanecemos um povo empobrecido, desprovido do indispensavel aparelhamento para uma sadia e intensiva produção, o que quer dizer que ainda não estamos em condições sólidas para a luta das competições internacionais.

Entretanto, podemos resolver as nossas questões nacionais, como aliás estamos fazendo desde que verificámos a impossibilidade de recorrer á caixa forte dos banqueiros internacionais, si levarmos em consideração a ponderosa circumstancia de já representarmos um mercado consumidor de mais de 40 milhões de habitantes e, tambem, o fáto de vivermos na América, cercado de nações amigas, com as quais vimos dia a dia estreitando cada vez mais nossas relações políticas e mercantís.

A este respeito, cremos ser de indisfarçavel urgência a realização prática de uma ampla obra de coordenação da eco-

nomia americana. Com isso certamente se processaria mais uma etapa da evolução dos povos deste continente, no sentido de um dilatado espirito de panamericanismo como expressão ultima das aspirações e das atividades creadoras de cada uma das coletividades americanas, reunidas em torno dos sólidos elementos unificadores dos interesses economicos convergentes. Realizar-se-ia, assim, a organização de um unico sistema economico que abrangesse todas as unidades politicas da America, sistema economico caracterizado pela extrema multiplicidade das formas de produção e contendo sob seu extenso dominio os mais variados recursos naturais. De sorte que, de posse de tais elementos constituintes de uma cadeia vertical de produção, livre das atuais barreiras alfandegárias, que quasi isolam em compartimentos estanques populações jovens e numerosas, a America poderia transmutar se na materialização daquele sonho de Joseph Chamberlain, cujo arrojado programa de um sistema imperial britânico parece haver passado para o dominio do esquecimento.

Desde que se pondere sobre a realidade da situação brasileira, vê-se imediatamente que só por meio do desenvolvimento da capacidade de consumo dos nossos mercados internos e pelo fortalecimento dos laços comerciais com as demais nações irmãs logrará o Brasil revitalizar a sua economia. Uma e outra coisa vamos realizando aos poucos, embora com as evidentes dificuldades que tão imensa obra apresenta. E' preciso que nós americanos compreendamos o alcance de tudo isto e acabemos de uma vez para sempre com o absurdo das medidas proibitivas do intercambio, existentes pelo mundo afóra, pois dessa forma se processará normal e espontaneamente a benéfica osmose das riquezas através das fronteiras politicas das nações deste continente.

O que se apregôa aqui, no sentido de abrir-se caminho definitivamente á volta de uma economia livre pelo menos para a America, é apenas uma muito natural reação do instinto de conservação do nosso grande povo, tiranizado pelas barreiras alfandegarias, oprimido pelas quotas de importação e sacrificado pelas vexatorias restrições da circulação internacional do capital. D'aí sermos partidarios entusiastas de um franco e amis-

toso entendimento no sentido de se pôr termos aos atuais obstáculos que obstruem a circulação dos capitais e das riquezas no interior da economia continental americana.

Não seria tarefa sobrehumana ou irrealizável a coordenação e a sistematização das forças econômicas que ora atuam com admirável impetuosidade no vastíssimo campo do continente colombiano e os benefícios gerais daí decorrentes iriam atender aos interesses especiais de cada uma das nossas repúblicas irmãs.

A unificação da América, no terreno econômico, logrando a formação de um mercado comum, criando a coordenação das forças produtoras e assegurando a livre circulação do capital, no continente, seria a forma mais feliz de resolvermos os nossos problemas aqui comentados, nos limites tranquilos de uma perfeita fraternidade inter continental.

Piracicaba, 1936.

---

## A ordenha

A ordenha mal feita provoca a diminuição do leite, e não permite bem avaliar a aptidão leiteira da vacca.

Um bom ordenhador é um elemento que ajuda a augmentar a produção, como também a escolha das boas leiteiras numa selecção bem conduzida.

Um ordenhador habil, em uma hora, pode ordenhar 12 vaccas, com a produção média de 5 · 6 litros, em cada ordenha.

Saber ordenhar não é tão fácil como se presume. Para ser bom ordenhador é preciso ter paciência, força e agilidade manual, gostar de animais e saber lidar com elles sem maltratal os.

Fazer a ordenha a horas certas e sempre pelo mesmo ordenhador é cousa essencial para o exito da exploração do gado leiteiro.

O leite, logo que sahe do ubere, está inteiramente aberto á contaminação. Por isso todo o cuidado e asseio na ordenha se tornam indispensaveis.

As condições de uma ordenha bem feita são : 1 — Estabulo bem cuidado, limpo, sem moscas ; 2 — Ubere, lavado e enxugado com panno limpo ; 3 — Ordenhador habil e asseiado ; 4 — Vasilhame limpo, desengordurado ; 5 — A horas certas.

Só assim obter-se-á um leite puro, sadio e de fácil conservação.